

O CONCEITO DE SUJEITO E A PEQUENA VIA DE SANTA TERESINHA DO MENINO JESUS E DA SAGRADA FACE

Ricardo Francisco Nogueira Vilarinho¹
Doutorando em Língua Portuguesa – PUC-SP

RESUMO

Este artigo partiu de uma perspectiva de entrelaçamento teórico e pretendeu refletir sobre o conceito de sujeito descentrado, conforme Mussalim (2006) e Orlandi (2020) e a Teologia de Santa Teresinha do Menino Jesus e da Sagrada Face. Sustentamos a possibilidade de ampliação teórica/metodológica nos pressupostos de Bastos e Palma (2004) e Feyerabend (2011), especificamente na possibilidade de utilização de metodologias pensadas para objetos específicos que podem ser utilizadas em outros objetos diferentes daqueles para as quais foram criadas. Ao final, concluímos que se depreende da Teologia da Pequena Via, proposta pela doutora da Igreja Católica, Santa Teresa de Lisieux, um conceito de sujeito.

Palavras-chave: Conceito de sujeito. Entrelaçamento teórico. Santa Teresinha. Filosofia da Linguística.

Nota introdutória

Neste artigo partimos da perspectiva do entrelaçamento teórico/metodológico, apoiando-nos na possibilidade de aproximação de teorias/metodologias de áreas diferentes do conhecimento, com o objetivo de aplicação de saberes de uma teoria/metodologia a uma área diversa da qual foi pensada. Especificamente, utilizamos o percurso teórico do conceito de sujeito para a Análise do Discurso, doravante AD, com o objetivo de investigar um possível conceito de sujeito, que debaixo de nosso olhar, emerge da Teologia teresiana.

Ao iniciar o percurso, deparamo-nos com a necessidade de diferenciar o entrelaçamento da complementaridade. Entendemos que diferenciando um do outro, ao mesmo tempo que pensaríamos o conceito de entrelaçamento teórico/metodológico, referendaríamos nossa proposta de aproximar duas áreas do saber distintas, ou seja, a Teologia e Linguística.

Em razão da aproximação teórica/metodológica, fez-se necessária a busca de definições que fazem parte da cultura católica. Por exemplo, alguns Santos da Igreja Católica recebem o título de doutores da Igreja. Santa Teresinha, juntamente com filósofos conhecidos como Santo Agostinho (354-430) e São Tomas de Aquino (1225-

¹ Endereço eletrônico: ricardo.nogueira@ufu.br

1274), é uma doutora da Igreja Católica. Sobre o conceito de doutor(a) da Igreja, destacamos:

Os Doutores da Igreja são homens e mulheres ilustres que, pela sua santidade, pela ortodoxia de sua fé, e principalmente pelo eminente saber teológico, atestado por escritos vários, foram honrados com tal título por desígnio da Igreja. (AQUINO, p. 1, 2015)

Santa Teresinha foi proclamada doutora da Igreja em 1997, durante o papado de João Paulo II. A época, a Santa foi a 33ª doutora da Igreja, a mais jovem de todas e a 3ª mulher honrada com este título. Ademais do livro analisado neste trabalho, A história de uma Alma, Teresa deixou escritos cartas, poemas, peças e orações.

Neste texto, especificamente, analisamos sua autobiografia intitulada, A história de uma alma, publicação póstuma cuja primeira edição veio a público um ano após a morte de Santa Teresinha, em 30 de setembro de 1898.

Tivemos como objetivo geral do texto perseguir um possível conceito de sujeito que paira na Teologia teresiana, e, sem pretensões teóricas de analisar os textos pelas lentes da AD, ou tratá-los como uma análise historiográfica, interessou-nos os conceitos já elaborados das teorias de análise com respeito ao sujeito, partindo de um sujeito social/histórico e ancorando em um sujeito inconsciente, descentrado. Em nossa perspectiva, o sujeito que emerge da Teologia teresiana possui características muito semelhantes a dos sujeitos propostos pela AD, sendo que sua característica mais evidenciada é o assujeitamento, o esquecimento em si mesmo enquanto fórmula de redenção.

Entrelaçar não é complementar

A ideia de utilizar o conceito de complementaridade no campo da Linguística para testar o entrelaçamento teórico/metodológico extraímos de Henry (1992), que afirma que não há complementaridade para a Linguística. “Mas o que nos importa aqui é que de uma certa maneira **não há lugar no campo da complementaridade para a linguística**” Henry (1992, p. 115, grifo nosso). Desta forma, como a complementaridade no campo da Linguística é uma ilusão, mero ideal, fez-se necessário diferenciar o conceito de entrelaçamento do conceito de complementaridade. Como ainda não desenvolvemos um

conceito claro de entrelaçamento, optamos por defini-lo na perspectiva do que ele não é. Ou seja, entrelaçar não é complementar.

Para melhor visualização da definição de complementaridade, citamos o exemplo da fundação da Sociolinguística Paramétrica, doravante SP, teoria proposta por Mary Kato e Fernando Tarallo que propõe unir a Gramática Gerativa a Sociolinguística. Com relação a este intento, citamos:

Dizer que duas teorias são complementares pode significar que as duas teorias têm domínios diferentes, isto é, a “região” do objeto estudada por uma teoria não é a mesma “região” que a outra estudada. Duas teorias linguísticas seriam “complementares” nesse sentido quando estivessem por objeto “componentes” distintos da linguagem: uma teoria, por exemplo, estudaria os fenômenos fonológicos enquanto a outra estudaria os fenômenos sintáticos. (BORGES NETO, p. 200, 2004)

De acordo com o autor citado, a complementaridade ocorre quando os componentes de duas teorias são distintos, fato que acontece na SP, melhor dizendo os objetos de interesse tanto da Gramática Gerativa, quanto da Sociolinguística Variacionista são diferentes e imiscíveis. Na perspectiva dos fundadores da SP, seria possível mesclar duas teorias fundando uma terceira, porém, como já dissemos, e amparados por Henry (1992), Borges Neto (2004) e Vilarinho (2008)² a SP pode ser reduzida a um ideal, a uma ilusão de complementaridade.

Como exemplo de entrelaçamento metodológico, citamos a proposta das pesquisadoras Dieli Vesaro Palma e Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, que desde 2004, fazem a aproximação metodológica dos estudos historiográficos e do ensino de gramática, propondo a História Entrelaçada, doravante HE. Em síntese destacamos que a HE tem a pretensão de estabelecer-se enquanto metodologia de análise com componentes basilares alicerçados na Historiografia Linguística e no Ensino de Língua/Gramática, teorias estas com objetos de observação científicos diferentes. Tanto a primeira quanto a segunda pertencem ao campo das teorias conhecidas como Linguística Aplicada, tendo como ótica a dicotomia linguística pura - aplicada. Porém, os objetos de observação são distintos. A primeira, doravante HL, interessa-se pela relação entre a língua e sua história, já a segunda

² Em nossa dissertação de mestrado intitulada O ideal de completude na fundação de uma teoria analisamos a fundação da SP com o auxílio da figura topológica Banda de Moébius.

extrapola os domínios da língua, preocupando-se com o ensino/aprendizagem da própria língua e da Gramática Tradicional.

Bases teóricas

O crivo da incomensurabilidade

O entrelaçamento teórico proposto em nosso trabalho não está centrado na criação de uma nova metodologia ou teoria. Ou seja, não se pretende, a partir do conceito de sujeito para a AD e a Teologia teresiana, a criação de uma nova teoria de análise textual ou discursiva. Desta maneira, fez-se necessário diferenciar também o entrelaçamento da incomensurabilidade, conforme discutida por Borges Neto (2004), Kuhn (1988) e Feyerabend (2011).

Sobre o tema, ressaltamos:

Já vimos várias razões pelas quais os **proponentes de paradigmas competidores** fracassam necessariamente na tentativa de estabelecer um contato completo entre seus pontos de vista divergentes. Coletivamente, essas razões foram descritas como a **incomensurabilidade** das tradições científicas normais, pré e pós-revolucionárias; neste ponto precisamos apenas recapitulá-las brevemente. (KUHN, 1988, p. 188, grifos nossos)

Como podemos observar, a questão da incomensurabilidade deve ser observada quando existe uma relação de competição entre paradigmas competidores. No caso específico do entrelaçamento que propusemos, não existe uma competição entre pressupostos teóricos da AD e a Teologia teresiana. Desta maneira, quando submetemos o entrelaçamento proposto ao crivo da incomensurabilidade observamos que não existem impedimentos, nesta perspectiva, em razão dos objetivos da aproximação teórica/metodológica. Em nosso trabalho aproximamos os conceitos de sujeito da AD da Teologia teresiana com o objetivo de comparação entre o sujeito descentrado, assujeitado da primeira e o sujeito esquecido em si mesmo proposto pela Santa.

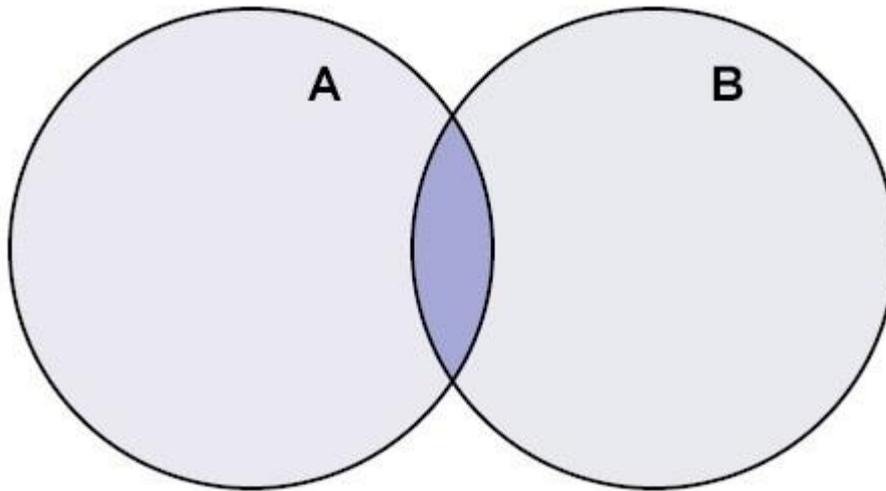
Ainda sobre a incomensurabilidade, destacamos:

De fato, uma das objeções mais gerais não meramente ao **uso de teorias incomensuráveis**, mas até a ideia de que haja tais teorias que possam ser encontradas na história da ciência, é o medo de que elas restringiriam severamente a eficácia de argumentos tradicionais, não dialéticos. (FEYERABEND, 2011, p. 199, grifos nossos)

Na perspectiva deste autor, observamos o mal-estar que causa na própria ciência o uso de teorias incomensuráveis. Este posicionamento reforça a metodologia usada neste

artigo, pois, neste estudo, descartamos qualquer incomensurabilidade existente entre a AD e a Teologia. Não tivemos a pretensão de uni-las para pensar uma nova teoria de análise ou uma nova Teologia.

Figura 1



Fonte: <https://www.colegioweb.com.br/conjuntos/intersecao-de-conjuntos.html>

Neste artigo, a intersecção de dois conjuntos representa o entrelaçamento teórico da Análise do Discurso de da Teologia

Na perspectiva do entrelaçamento teórico/metodológico proposto em nosso texto, duas teorias e/ou metodologias se aproximam, não com o objetivo de criar uma terceira. Os objetivos estão centrados na utilização de saberes pensados para uma área do conhecimento diferente daqueles para os quais foram pensados.

O sujeito para a AD

Segundo Mussalim (2006), o conceito de sujeito na AD está relacionado a noção de discurso. Sendo assim, em cada fase da AD, sendo elas, AD-1, AD-2 e AD-3, haverá uma noção diferente de sujeito. Desta maneira, podemos afirmar que existe um conceito de sujeito na AD, como veremos a seguir, que se altera em uma relação direta com a noção do discurso.

Na AD-1, Mussalim (2006, p. 133), afirma:

O sujeito para a AD-1, é concebido como sendo assujeitado a maquinaria [para utilizar um termo do próprio Pêcheux (1983/1990)], já que está submetido às regras específicas que delimitam o discurso que enuncia. Assim, segundo essa concepção de sujeito, “quem de fato fala é uma instituição, ou uma teoria, ou uma ideologia”.

O conceito de sujeito assujeitado citado pela autora fez-nos pensar sobre um possível conceito de sujeito da teologia teresiana. Pois, o sujeito para a doutora da Igreja é apagado, esquecido, insuficiente.

Ainda sobre o conceito de assujeitamento, destacamos:

A forma-sujeito histórica que correspondem à da sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos assujeitamento. (ORLANDI, 2020, p. 48)

O sujeito que emerge dos escritos de Santa Teresinha também é assujeitado, esquecido em Deus. Para a Santa Católica a redenção dá-se justamente nesse processo de esquecimento, pois o sujeito livre, capaz de uma liberdade sem limites, conforme citado por Orlandi (2020), abandona sua liberdade para render-se a Deus, submeter-se totalmente aos planos e desígnios divinos. Melhor dizendo, o sujeito da AD submetido ao Outro, a seu inconsciente, inevitavelmente submete-se à vontade de Deus. Na perspectiva do entrelaçamento teórico/metodológico, Deus ocupa o lugar do inconsciente da Psicanálise.

Sobre o sujeito para a AD, destacamos

c. o sujeito de linguagem é **descentrado** pois é afetado pelo real da língua e pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia. (ORLANDI, 2020, p. 18, grifo nosso)

O sujeito teresiano também é descentrado uma vez que é esquecido, insuficiente. Como já dissemos, neste artigo, não realizamos a análise da autobiografia de Santa Teresinha com base na AD. Utilizamos os conceitos de sujeito extraídos a teoria para buscar na teologia da Pequena Via, uma forma de assujeitamento³.

Sobre o conceito de sujeito na AD-2, destacamos:

³ A possibilidade de formas de assujeitamento, extraímos de Orlandi (2020) e sua análise do sujeito e suas formas históricas.

Na AD-2, a noção de sujeito sofre uma alteração que precisa ser compreendida no interior da noção de formação discursiva de Foucault (1969/1971): assim como uma FD é concebida como uma dispersão, no sentido de não ser formada por elementos ligados entre si por um princípio de unidade, o sujeito também o é. (MUSSALIM, 2006, p. 123, grifo nosso)

De acordo com Mussalim (2006), nesta fase da AD não existe uma ideia de unidade do sujeito, o sujeito passa a ser disperso movimentando-se por várias posições no espaço interdiscursivo.

Sobre o sujeito na AD-3, citamos:

Os trabalhos de Authier-Revuz, tem torno dos quais se desenvolve essa nova vertente, incorporam descobertas das teorias do inconsciente, que consideram que o centro do sujeito não é mais o estágio consciente, mas que ele é dividido, clivado entre o consciente e o inconsciente. Inserido nesta base conceitual, o sujeito da AD se movimenta entre esses dois polos **sem poder definir-se em momento algum como um sujeito inteiramente consciente do que diz.** (MUSSALIM, 2006, p. 134, grifo nosso)

O sujeito desta fase assemelha-se muito ao que se depreende da autobiografia de Santa Teresinha, pois, como para a doutora da Igreja, o sujeito deve esvaziar-se, esquecer-se, seu falar, caminhar e seu fazer devem ser guiados por Deus, uma vez que é incapaz em si só, é pequeno, desprezível. A consciência seria necessária apenas para reconhecer-se como insuficiente e para esvaziar-se diante de Deus.

Neste mesmo caminho de visualização do sujeito para a AD, Orlandi (2020, p. 48) destaca que ele é livre e submisso: “Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas”. Acreditamos que a polarização liberdade/submissão encerra bem a definição de sujeito que se depreende dos textos teresianos, conforme já dissemos, a liberdade de reconhecer-se incapaz e a submissão aos desígnios de Deus que levam à redenção, à santidade.

Entrelaçando princípios linguísticos

Para a análise da obra “A história de uma alma”, escrito autobiográfico de Santa Teresa de Lisieux, acreditamos ser importante uma observação do escrito refletindo sobre alguns conceitos da Historiografia da Linguística com a proposta de alicerçar o entrelaçamento proposto neste texto, melhor dizendo, o conceito de sujeito da Análise do Discurso e a obra de Santa Teresinha de Menino Jesus. Sendo assim, apesar de nosso

objetivo não estar centrado na análise linguística e/ou discursiva da obra, utilizamos, em uma perspectiva de aproximação teórica/metodológica, os três princípios de Koerner (1996), com respeito à Historiografia Linguística, assim explicitados por Bastos e Palma (2004)⁴. Vale destacar que não nos propusemos a realizar neste trabalho uma análise historiográfica do livro a “História de uma Alma”, nossa perspectiva centra-se no viés epistemológico que se encontra dentro de uma Filosofia nomeada como Filosofia da Linguística. Sobre este ponto, destacamos:

A filosofia da linguística, então, **é uma área da investigação filosófica que tem por objeto a ciência da linguagem e suas teorias**, cabendo-lhe investigar as formas de obtenção de conhecimento fundamentado sobre a linguagem humana que os linguistas, no “mundo real”, utilizam. (BORGES NETO, 2004, p. 8, grifos nossos)

Reforçamos então que não se trata de uma análise historiográfica. Que não exploramos, por exemplo, o *Zeitgeist*⁵ no qual está inserido os escritos da Santa. Em nosso texto interessou-nos refletir sobre os princípios koerneanos, enquanto metodologia, dentro de um quadro teórico e sua relação com a HE, proposta por Bastos e Palma (2004). Desta maneira, ampliamos o entrelaçamento proposto pelas autoras propondo um novo entrelaçamento, desta vez, entre conceitos da AD e a Teologia.

Lembramos que apesar de Koerner (1996) tratar especificamente sobre a HL, utilizaremos os princípios estabelecidos por este autor, também em uma perspectiva de entrelaçamento, para analisar o texto de Santa Teresinha.

Com relação ao **primeiro princípio**, da contextualização, Bastos e Palma (2004) apontam “trata-se de traçar o clima de opinião (espírito da época), observando as correntes intelectuais do período e a situação socioeconômica, política e cultural”. (p. 17).

A primeira edição do livro “A história de uma alma” foi publicada em 1898, e trata-se, na verdade, da compilação de três manuscritos, escritos em anos diferentes, são eles: Manuscrito A – redigido de janeiro de 1895 a 20 de janeiro de 1896 que aborda a infância da Santa com o título: *História primaveril de uma florinha branca, escrita por ela mesma, e dedicada à Reverenda Madre Inês de Jesus*.

⁴ Como já dissemos, Bastos e Palma (2004) propuseram o entrelaçamento teórico/metodológico do ensino de Língua Portuguesa e as gramáticas do Português. Melhor dizendo, ensino e gramatização.

⁵ Para Koerner (1996) o *zeitgeist*, espírito da época, sempre deixou suas marcas no pensamento linguístico.

Com relação aos Manuscritos B e C⁶, Teresa do Menino Jesus (1986, p. 5, grifos do autor) informa:

Manuscrito B, composto de duas partes: uma “elevação” de alma a Jesus, escrita a 8 de setembro de 1896, e uma carta à Irmã Maria do Sagrado Coração (sua irmã Maria), à guisa de prólogo do presente escrito, e redigida entre 13 e 16 de setembro de 1896.

Manuscrito C, caderno dedicado à Madre Maria de Gonzaga – feita de novo priora em 1896 – redigido em junho de 1897. É um complemento das reminiscências de Teresa a respeito de sua vida religiosa, evocada muito de relance no Manuscrito A, e alonga-se sobre as exigências da caridade fraterna, que a Santa nesse mesmo ano redescobriria em profundidade.

Neste caminho, observamos, com relação ao primeiro princípio, o livro foi escrito em um ambiente monástico, por uma jovem freira, sem grandes pretensões filosóficas seculares ou sem preocupação de estar alicerçada em alguma teoria ou metodologia científica. Apesar de ser a Santa padroeira das missões católicas, com raras exceções, o mundo conhecido por Santa Teresinha se resumia aos muros do Carmelo da cidade de Lisieux na França, onde ficou reclusa por nove anos até sua morte em 1897. Acreditamos que a grandeza de sua obra está justamente neste ponto, pois as definições e descrições do sujeito teresiano que se depreendem de sua obra desenham um sujeito aos moldes do cristianismo milenar, ou seja, representa a mensagem de esquecimento de si mesmo, o esvaziamento sem violência, simbolizado na Teologia cristã pela figura de um cordeiro.

Sobre o **segundo princípio**, da imanência, destacamos:

Trata-se de esforçar-se por estabelecer um entendimento completo tanto histórico quanto crítico, possivelmente filológico, do texto linguístico em questão, mantendo-se fiel ao que foi lido, para o estabelecimento de um **quadro geral da teoria** e da terminologia usada que devem ser definidos internamente e não em referência à doutrina linguística moderna. (BASTOS E PALMA, 2004, p. 17, grifos nossos).

Com relação à teoria utilizada, já definimos que não tivemos a pretensão de estabelecer uma análise do discurso do texto estudado, ou seja, A história de uma alma, publicação póstuma de Santa Teresinha. Desta maneira, nossa leitura do princípio koerniano, neste trabalho, refere-se às teorias utilizadas para o entrelaçamento e fundamentação teórico/metodológica utilizada. O livro utilizado não traz em si nenhuma

⁶ Neste artigo usamos a versão eletrônica do livro “A História de uma Alma”, versão Kindle. Desta maneira, acreditamos que pode haver diferença da localização das páginas quando comparadas com a versão impressa.

pretensão de estabelecimento de uma teoria linguística, uma vez que trata-se de um discurso religioso, situado dentro dos domínios da Teologia.

Sobre o **terceiro princípio**, as autoras definem:

Trata-se de, somente depois de seguir os dois primeiros princípios, o historiógrafo aventurar-se a introduzir, colocando de forma explícita, aproximações modernas do vocabulário técnico e um quadro conceptual de trabalho que permita a apreciação de um determinado conceito ou teoria, incluindo-se as constatações das afinidades de significado que subjazem a ambas as definições. (BASTOS E PALMA, 2004, p. 17, grifos nossos).

Sobre este princípio, não buscamos no texto questões relativas a um vocabulário técnico utilizado pela Santa, porém, a análise de termos utilizados por ela, fizeram com que pudéssemos inferir um possível conceito de sujeito em seu texto, próximo ao sujeito da AD, conforme já mostrado anteriormente, e também, objeto de discussão da próxima seção deste texto.

A teologia da pequena via

Costuma-se chamar como Teologia da Pequena Via o caminho proposto por Santa Teresinha para tornar-se santa.

Logo depois, e certamente antes do final de 1894, Teresa faz uma descoberta genial em seu caderninho: encontra o “pequeno caminho”! Na sua busca não faz uma análise exegética dos textos da Sagrada Escritura em questão, mas, antes, reflete a Palavra de Deus que lhe é inspirada. Ela deve sua busca, em primeiro lugar, a uma iluminação pessoal do Espírito Santo, que a fez entender esses textos “com o coração” (Mt 13,15) (MEESTER, 2018, p. 73, grifo nosso)

Sendo assim, o caminho proposto pela Santa está centrado no esquecimento de si mesma e no reconhecimento da incapacidade de fazer por si mesma grandes coisas. Como sentia-se incapaz de realizar grandes feitos, Teresinha constrói um caminho centrado em fazer grandemente as pequenas coisas. Mas para isso fez-se necessário a construção de um sujeito descentrado, um sujeito esquecido e assujeitado em si mesmo.

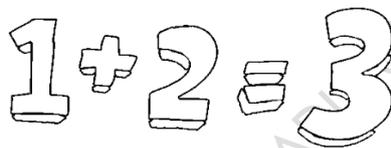
Como o sabeis, sempre desejei ser santa. Mas, que tristeza! Quando me confronto com os Santos, sempre verifiquei que há entre eles e eu a mesma diferença que existe entre a montanha, cujo cimo desaparece nos céus, e o **obscuro grão de areia, espezinhado pelos transeuntes**. (TERESA DO MENINO JESUS, 1986, p. 177, grifo nosso).

Como podemos ver, o período “obscuro grão de areia, espezinhado pelos transeuntes” faz brotar do texto a construção de um sujeito teresiano, que aos moldes do sujeito proposto pela AD, é descentrado, não é senhor de si mesmo.

Encontrei a vida religiosa tal qual a imaginara. Nenhum sacrifício me espantou. No entanto vós o sabeis, meus primeiros passos toparam mais em espinhos do que em rosas!... Sim, **o sofrimento estendeu-me os braços, e lancei-me neles com amor.** (TERESA DO MENINO JESUS, 1986, p. 130, grifos nossos).

Neste trecho a Santa relata seus primeiros dias no Carmelo. Podemos visualizar melhor sua Teologia quando propomos a análise dicotomizada de seus sentimentos. Em uma linha de análise direta e cartesiana podemos afirmar que o sofrimento geraria dor, desgosto, insatisfação.

Figura 2



Fonte: <https://colegio.colorir.com/12=3.html>

Representação de uma lógica simples e de consequências diretas, ou seja, sofrimento gera dor

O plano cartesiano ou qualquer álgebra simples⁷, seriam incapazes de representar a proposta teológica da autora, pois sua Teologia subverte qualquer tentativa de representação reta ou de consequências diretas. A Santa propõe uma dicotomização, ou seja, o sofrimento está para o amor. Desta forma, o sujeito teresiano inverte a lógica cartesiana, transbordando qualquer propositura de consequências diretas.

Para esta análise polarizada, baseamo-nos nas observações de Henry (1992), em um viés de ampliação teórica. Em suas análises sobre o movimento da Linguística no campo da Complementaridade, o linguista afirma:

Mantendo-nos no domínio das generalidades, observa-se que a linguística emergiu numa conjuntura científica e ideológica **cujos eixos podem ser descritos**. Como contraponto à evidência de que a

⁷ Agustini (1999) usa a geometria em um apêndice de sua dissertação de mestrado, intitulada *Dobras interdiscursivas: o movimento do sujeito na construção enunciativa dos sentidos*. Acreditamos que essa leitura facilitará a compreensão do plano cartesiano e da topologia e seu uso nos Estudos Linguísticos.

linguagem pode ser enfocada ao mesmo tempo como uma “realidade psicológica” e como “uma realidade social”, é inicialmente psicologia e sociologia que encontramos no contexto a linguística. (HENRY, 1992, p. 113, grifos nossos).

Desta maneira, podemos relacionar que existe uma dicotomização, uma relação indireta e não direta. Ou seja, sofrimento está para amor e não para dor.

O sujeito teresiano é esvaziado de si mesmo, e é este desprezo a fórmula catártica de sua Teologia.

Chamaste-me então, e compreendi... Compreendi o que vinha a ser a verdadeira glória. Aquele, cujo Reino não é deste mundo, mostrou-me que a verdadeira sabedoria consiste em **“querer ser ignorada a tida por nada”**, - “em fazer constar a alegria **do desprezo de si mesmo**”. Oh! Como o de Jesus, queria que **“meu rosto ficasse realmente velado, e que na terra ninguém me reconhecesse”**. Tinha sede de sofrer e **ser esquecida...** (TERESA DO MENINO JESUS, 1986, p. 133, grifos nossos).

Como observamos, apropriando-nos dos conceitos da AD, o sujeito teresiano também é assujeitado em si mesmo, e é justamente esse esvaziamento que faz com que ele cresça, é o nada que se faz tudo. Outra vez podemos analisar o caminho proposto pela Santa em um viés dicotômico, o nada, o desprezo por si mesmo, o rosto velado, o ser esquecido fazem parte da Teologia proposta pela Santa e quando cotejamos estes conceitos com os dos sujeitos da AD, pelas vias do entrelaçamento teórico/metodológico, observamos que o sujeito teresiano é assujeitado em si mesmo, um sujeito esquecido e abandonado.

Na perspectiva da Santa, esquecer-se em si mesma a aproximaria de Deus. Sendo assim, quanto mais fraca se apresentasse, mais dependente de Deus seria e assim mais próxima estaria da santidade.

Tempos atrás, tinha me oferecido ao Menino Jesus para ser seu brinquedinho. Dissera-lhe que se utilizasse de mim, não como um brinquedo de valor, que as crianças se contentam em olhar, sem coragem de pegar nele, mas como **bolinha sem nenhum valor**, que poderia jogar ao chão, bater o pé, furar, largar num canto ou também apertar ao coração, **quando fosse de seu agrado**. (TERESA DO MENINO JESUS, 1986, p. 120, grifos nossos).

Em momento algum o sujeito proposto pela Santa é totalmente consciente. Sua consciência serviria apenas para que ela se tornasse inconsciente, assujeitada em si mesma. Desta forma, de acordo com nossas observações, acreditamos serem possíveis

estudos futuros que estejam centrados no aprofundamento da análise do sujeito teresiano, seus limites e contornos.

Considerações finais

Neste artigo, entrelaçamos conceitos da AD com a doutrina teresiana e concluímos que aqueles oferecem uma possibilidade de reflexão sobre o conceito de sujeito que se desprende da Teologia da Pequena Via, proposta pela doutora da Igreja Católica, Santa Teresa de Lisieux. Não nos preocupamos em diferenciar o sujeito consciente do inconsciente. É importante destacar que, diferentemente da Teologia teresiana, na AD-3, as teorias do inconsciente passam a incorporar a definição de sujeito para a AD.

Em nosso trabalho não nos interessamos em refletir sobre a natureza do sujeito que emerge dos textos teresianos, se é um sujeito social, histórico ou inconsciente. Interessou-nos constatar que o sujeito teresiano também não é senhor de sua vontade. Existe um esvaziamento, um abandono do sujeito como fórmula de redenção e santificação.

Sendo assim, o caminho proposto pela Santa está centrado em seu próprio esquecimento e no reconhecimento da incapacidade de fazer por si mesma grandes coisas. Como sentia-se incapaz de realizar grandes feitos, Santa Teresinha constrói um caminho centrado em fazer grandemente as pequenas coisas. Mas para isso, fez-se necessário a construção de um sujeito descentrado, um sujeito esquecido e assujeitado em si mesmo, aos moldes do sujeito da AD.

Referências

AGUSTINI, Cármen Lúcia Hernandes. **Dobras interdiscursivas**: o movimento do sujeito na construção enunciativa dos sentidos, 1999. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Campinas, 1999.

AQUINO, Felipe. **Os doutores da igreja – EB**. Editora Cléofas, 2015. Disponível em: <<https://cleofas.com.br/os-doutores-da-igreja-eb/>>. Acesso em: 21 de outubro de 2020.

BASTOS, Neusa Barbosa; Palma, Dieli Vesaro. **História entrelaçada**: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa do século XVI ao XIX. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BORGES NETO, José. **Ensaio de filosofia da linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

FEYERABEND, Paul K. **Contra o método**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

HENRY, Paul. **A ferramenta imperfeita**. Língua, sujeito e discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo, Perspectiva, 1988.

MEESTER, Conrado de. **De mãos vazias: A espiritualidade de Santa Teresinha do Menino Jesus**. Petrópolis: Vozes, 2018.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. BENTES, Anna Christina, MUSSALIM, Fernanda. *In: Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2006. 2 v. 101-142.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes Editora, 2020.

TERESA DO MENINO JESUS, Santa. **História de uma alma: manuscritos autobiográficos**. São Paulo: Paulus, 1986.

VILARINHO, Ricardo Francisco Nogueira. **O ideal de completude na fundação de uma teoria**, 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, 2008.

THE CONCEPT OF SUBJECT AND THE SMALL WAY OF SAINT TERESE OF THE CHILD JESUS AND THE SACRED FACE

Abstract. This article started from a theoretical interlacing perspective and intended to reflect on the concept of a decentralized subject, according to Mussalim (2006) and Orlandi (2020) and the Theology of Santa Teresinha do Menino Jesus and Sagrada Face. We support the possibility of theoretical/methodological expansion in the assumptions of Bastos and Palma (2004) and Feyerabend (2011), specifically in the possibility of using methodologies designed for specific objects that can be used in objects other than those for which they were created. In the end, we conclude that the concept of the subject is derived from the Theology of the Little Way, proposed by the doctor of the Catholic Church, Santa Teresa de Lisieux.

Keywords: Concept of subject. Theoretical interlacing. Santa Teresinha. Philosophy of Linguistics.

**Envio: dezembro/2020
Aceito para publicação: maio/2021**